

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Dionís de Cuiabá Class.: 324  
 Data 1 de junho de 1987 Pg.: \_\_\_\_\_

Índios redescobrem forças no encontro realizado em Cuiabá

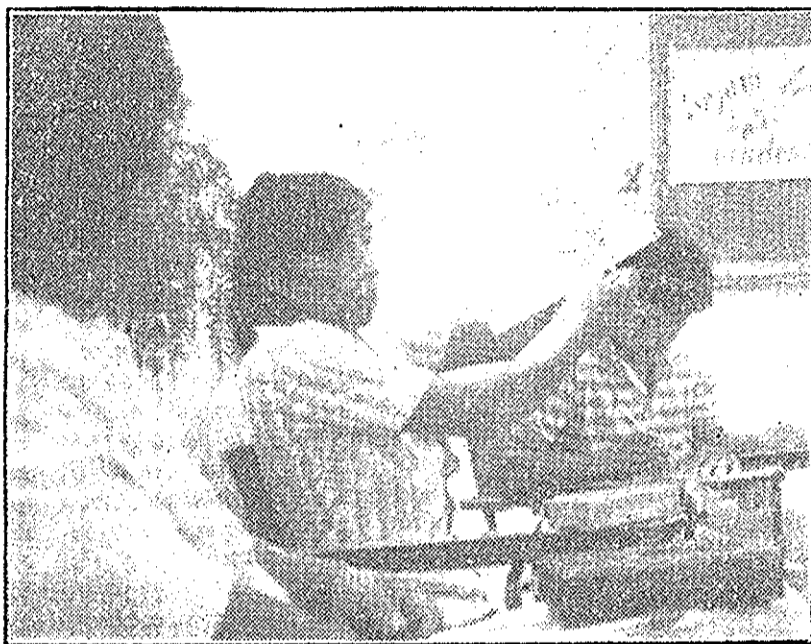
CIMI - MT

Fonte: De Cuiabá  
 Data: 01/06/87

“Reunimos aqui quase todos os povos de longo contacto com a sociedade envolvente e descobrimos, entre nós, que apesar do sofrimento, dos massacres, das doenças que foram jogadas sobre nós, ainda somos fortes, não perdemos nossa indianidade. Fomos viciados no álcool, no fumo, no comércio e querem fazer de nós meros membros da sociedade de consumo, mas nossa cultura irá impedir o avanço deste pensamento que trás uma desigualdade que gera um outro tipo de escravidão. Sobrevivemos e continuaremos a ser um exemplo vivo e alternativo de organização humana”. É a conclusão a que chegaram os 11 povos indígenas que estiveram reunidos durante três dias no Centro de Treinamento Apostólico - Cetra, onde discutiram com profundidade suas problemáticas.

No documento final, as lideranças Karajá, Kaiabi, Bororo, Apiaká, Xavane, Mýky, Erikbaktsa, Pareci, Nhambikwara, Terena, Irantxe e Bakairi dizem que “queremos ensinar os colonizadores, aos que não nasceram nesta terra, aos que só têm empregado e nunca trabalharam, aos que destróem a natureza, aos que deixam os próprios irmãos morrerem de fome e frio, que nosso projeto de vida é um exemplo de respeito ao homem de conservação da natureza”. Asseguram que “amamos os brancos, os negros e os mestiços sem racismo, e se por vezes fizemos guerras, foi para defender nossa vida e garantir nossa sobrevivência”.

Os índios expressam ainda o desejo de paz e querem se ver livres da cobiça sobre suas terras, fatos esses trazidos, segundo eles, pelos “responsáveis pelas doenças que não conhecíamos” e pediu que “aqueles que mataram nossos irmãos sejam julgados pela história e não honrados com estátuas em praça pública”. Dizem também não se importarem que continuem taxando-os de raça preguiçosa ou bicho do mato: “A nossa resposta será sempre a mesma, ou seja, roças grandes, cultura forte e resistiremos a sociedade de consumo”.



*Durante três dias, os líderes discutiram seus problemas*

As lideranças indígenas também detectaram nos três dias do encontro, que terminou ontem, a sociedade envolvente lançam dia-a-dia “mentiras” com a finalidade, segundo eles, de jogar um povo indígena contra o outro”. E que foi possível “descobrir a tempo as falsas notícias”, sem contudo, citá-las, mas asseguram que nesse encontro “buscamos formas de não mais sermos enganados”. Também aflorou a necessidade de novas reuniões “para que todos descubram a consciência que se encontra adormecida”, acentuando que “no despertar dos irmãos, poderemos falar com força de autodeterminação, poderemos ser agente da história, pois até o momento, ficamos a margem dela”.

Eles lembram “aos aculturados e até os sabidos da sociedade envolvente que utilizar os instrumentos dos brancos não leva necessariamente a deixar de ser índio”. Consideram isso uma forma de participação de “um tesouro comum que todas as sociedades anteriores deram sua contribuição, inclusive, as antigas civilizações índias”. Na opinião das lideranças dos povos índios que habitam Mato

Grosso em longo contato com a sociedade “temos direito à tecnologia”.

E depois de exigir dos governos o cumprimento de toda legislação de proteção aos povos indígenas, assinalam que faz parte da dívida histórica do Brasil com os índios o direito de qualquer cidadão a saúde e a educação. “Decidimos continuar e reunirmos, que a luta de um povo será a luta de todos. A demarcação das terras será a luta principal, começamos a formar uma unidade dos povos de longo contacto e temos a certeza que ela será ampliada e juntos nós conseguiremos conquistar o respeito que nos é devido” - concluem.

*Uma*